

Afroconto: Literatura infantil negra e extensão universitária

Raquel da Silva Silveira¹, Beatriz Lima Costa², Ângela Cristina Bastos Lummertz³, Eliane Margarete Da Silva Abreu⁴ e Fernanda Nogueira⁵

A representatividade positiva de personagens negros(as) em histórias infantis é algo recente na literatura infantil brasileira (SANTOS, ADORNO, SOUZA, 2021). O objetivo geral deste trabalho é discutir a experiência de contação de histórias do projeto de extensão Afroconto e Outros Contos, do Instituto de Psicologia, Serviço Social e Comunicação Humana, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na cidade de Porto Alegre. Utilizando a arte para a promoção da saúde, através de ações interdisciplinares entre Psicologia, Serviço Social, Ciências Humanas e Relações Internacionais, o projeto Afroconto atua no fortalecimento da representatividade negra em escolas públicas da capital do RS. O racismo é uma estrutura social que produz efeitos em todos os âmbitos da vida humana, tanto de pessoas brancas como de pessoas negras. As relações raciais afetam a produção de subjetividade e distribuem de forma hierárquica privilégios para as pessoas brancas e desvantagens para as pessoas negras (CARONE e BENTO, 2014). No campo da cultura as manifestações consideradas populares e menos qualificadas são “esperadas” para a população negra, sendo normalmente expressões mais corporais e orais. Em contrapartida, o campo da literatura, território privilegiado da expressão escrita, por exemplo, era território das pessoas brancas “cultas”, até recentemente (SANTIAGO, 2020).

O estudo de Eliane Cavalleiro (2004) sobre o silêncio do lar e da escola sobre o racismo na infância no final dos anos de 1990 foi um marco na visibilização de que as crianças negras careciam de representatividade positiva nos processos educativos e culturais promovidos no ambiente escolar. Em 2003 foi promulgada a Lei 10.639, a qual obrigou o ensino da história e da contribuição da população africana e negra no Brasil, assim como a educação das relações étnico raciais em

¹ Doutora em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. raquelsilveira43@gmail.com

² Mestra em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. beatrizc.psicologia@gmail.com

³ Pedagoga e graduanda em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. acblummertz@gmail.com

⁴ Mestra em Psicanálise. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. elimabreupsi@gmail.com

⁵ Doutora em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. fernanda.nogueira@ufrgs.br

todos os âmbitos da educação no Brasil. Em 2008 essa legislação foi alterada para incluir a temática indígena, passando a ser a Lei 11.645 (GOMES, 2019).

Desta forma, este trabalho se insere nos esforços das políticas públicas de educação para fortalecimento das identidades negras. O campo da extensão universitária emerge como uma prática pedagógica que garante o compromisso social das instituições de ensino superior com o enfrentamento das desigualdades econômicas, sociais e raciais da sociedade. A missão da extensão é promover espaços de trocas de saberes entre acadêmicos e as comunidades, principalmente periféricas, que geralmente estão alijadas dos espaços de saber-poder (FREIRE, 1983).

O referencial teórico metodológico deste trabalho é a Educação Popular de Paulo Freire (1983), as discussões sobre a infância e a negritude (NOGUERA, 2019), estudos sobre literatura infantil (ABRAMOVICH, 2009), psicologia social (CARONE e BENTO, 2014) e extensão universitária (GADOTTI, 2017). Os métodos utilizados são a contação de histórias, o desenvolvimento de oficinas lúdicas e a realização de rodas de conversas. As redes sociais e o site institucional têm sido utilizados como meio de divulgação de conteúdos, socialização das ações desenvolvidas e canal de comunicação com o público em geral.

O projeto iniciou em 2018 e conta com o financiamento da Pró Reitoria de Extensão da universidade para as bolsas e os materiais gráficos. A equipe de trabalho é composta por: três coordenadoras, quatro bolsistas; dois estagiários(as) e quatro voluntárias. Temos estudantes dos cursos de psicologia, serviço social, ciências sociais e relações internacionais. É um coletivo interracial, sendo a coordenação de mulheres brancas. As outras dez pessoas que integram a equipe são: seis autodeclaradas negras e quatro autodeclaradas brancas. A visibilização da racialização da equipe de trabalho é um ato teórico-político de explicitar o marcador social de raça como variável importante nas relações de trabalho.

O público alvo do projeto são estudantes e professores(as) de escolas públicas da capital gaúcha. Em 2023 estamos realizando atividades continuadas e quinzenais em três escolas, duas da periferia (de ensino fundamental) e uma central (com todos os níveis de ensino: fundamental, médio e EJA). Nas três escolas a maioria dos estudantes são pessoas negras. Já as professoras são em sua maioria pessoas brancas. Esses são dados que atestam o racismo estrutural, pois mesmo numa cidade em que apenas 20% da população é negra, nessas escolas públicas o

percentual de estudantes negros é maior que 70%. Já para os docentes, esse percentual se inverte, sendo mais de 80% de professoras brancas.

Os resultados obtidos até aqui nos permitem afirmar a importância de ações de extensão universitária que trabalhem com as expressões artísticas para fortalecimento das identidades negras. Das anotações dos diários de campo, recolhemos diversos exemplos de como é diferente o processo da contação de histórias quando mediado por uma pessoa branca ou uma pessoa negra. Os olhos das crianças e adolescentes negros(as) que participam das atividades brilham de forma mais intensa quando a estudante negra assume a palavra. Além disso, oferece a representatividade de estudantes universitários negros(as) em diversos cursos, mostrando a possibilidade de ingresso nas universidades federais como uma possibilidade real.

Durante as contações é possível reconhecer o encanto das crianças e adolescentes por se verem representados(as) nas ilustrações dos livros, assim como pelo corpo negro que conta as histórias. “O meu cabelo é igual ao teu”, “olha, o teu braço é da cor do meu”, “ah, o meu é mais escuro”, “a Sulwe é linda! A Noite é muito mais bonita!” Essas são frases recolhidas nos momentos de contação. Sulwe é um livro da autora e artista queniano-mexicana Lupita Nyong’o, com ilustrações belíssimas que aborda a importância e beleza das pessoas negras e brancas. O Afroconto trabalha com fantoches negros, e temos um boneco chamado Manuel Padeiro, que representa um velho negro. Quando ele é utilizado, diversas vezes escutamos: “ele parece o meu avô!”. Às vezes, antes mesmo da história acabar, as crianças querem tocar no Manuel Padeiro. Esse nome foi escolhido para homenagear um líder quilombola do RS que tem sido invisibilizado (MAESTRI, 2006).

Neste contexto, é fundamental destacar o quanto as cotas raciais, também conquista do movimento negro, tem produzido transformações da universidade pública. A presença negra nos bancos da graduação e pós-graduação tem ampliado as discussões e produções de conhecimentos teóricos sobre os efeitos nefastos do racismo e as formas de resistências culturais e intelectuais produzidas pelos movimentos negros (GOMES, 2019).

Além dos resultados no público atendido, o projeto também promove impactos importantes na equipe de trabalho. Ao refletir sobre o trabalho desenvolvido em uma escola pública de periferia, uma de nossas bolsistas negras e estudante de Relações Internacionais afirma: “Me agrada o fato de sentir que posso

estar fazendo a diferença em um espaço que muitas vezes é esquecido- as escolas públicas! - e sinto que se eu estivesse no lugar dos alunos, com certeza levaria várias informações para casa!”

As experiências que a estudante adquiriu como bolsista impulsionam seu conhecimento acadêmico também, sendo capaz de relacionar as situações cotidianas vividas no Afroconto com o que estuda em seu curso, entendendo as desigualdades e as interações raciais presentes na capital e escolas gaúchas. Outra estudante do projeto, aluna de Ciências Sociais e mulher branca, destaca os efeitos de outra obra literária importante que trabalhamos, *O Caçador Cibernético da Rua 13*, de Fábio Cabral. Este livro visibiliza a língua yourubá, os elementos da cultura africana e seus valores civilizatórios. Nessa direção, nossa estudante afirma sobre esse livro afrofuturista de autoria negra: “ o conteúdo trazia, para além da ficção científica, os temas da desigualdade, racismo, crenças e espiritualidade. O vocabulário também foi destaque, pois o mesmo traz algumas palavras em yorubá, um idioma de origem africana”.

Outro resultado significativo que este projeto de extensão produz é o aprendizado sobre as iniquidades sociais, econômicas, culturais e territoriais que assolam as escolas públicas, principalmente as de periferia. Acompanhar o cotidiano dessas escolas nos faz experimentar a constante violação de direitos humanos dessas comunidades. Fome, homicídios, frio, racismo, sexismo, transfobia, falta de óculos, bibliotecas fechadas. A lista é grande. Por outro lado, conhecemos a potência e o comprometimento da maioria das professoras. A carga horária excessiva, muitas com 60 horas semanais, e ainda assim, a crença na força da educação e do seu papel de educadoras.

Para finalizar, acreditamos que é necessário apresentar os personagens negros(as), personalidades que representam a beleza e sabedoria da negritude, mas também envolver as pessoas brancas nesse debate para que entendam seu lugar de privilégios e como o racismo estrutural está presente nas relações interraciais (BENTO, 2022). Além disso, o projeto também compreende a necessidade de trabalhar com os(as) professores(as) e funcionários(as) das escolas como o racismo está presente na sua atuação profissional, como apresentado por Cavalleiro (2004). As pequenas atitudes fazem diferença, entre a professora escutar uma criança negra e compreender que ela está sofrendo racismo, que não são brincadeiras infantis, que alguma medida deve ser adotada pela escola para combater esses

comportamentos. Acima de tudo é importante compreender que ignorar o racismo não faz com que ele desapareça, apenas se cala as crianças negras e os estereótipos são reforçados.

Infelizmente estudos atuais demonstram a permanência de iniquidades raciais no campo da educação (GOMES, 2019). Por isso, necessitamos urgentemente de mais ações pedagógicas de combate ao racismo e aos seus desdobramentos. Inserido nessa luta, o Afronconto busca promover uma transformação no dia a dia escolar para que ele deixe de ser um sistema agressivo e prejudicial ao desenvolvimento global das crianças negras.

Referências

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- BENTO, M. A. S. **O Pacto da Branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CARONE, I., BENTO, M. A. S. (Orgs.). **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis:Vozes, 2014.
- CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. Editora Contexto, 2004.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GADOTTI, M. **Extensão Universitária: Para quê?**. Universidade Federal do Amapá, 2017. Disponível em: https://www2.unifap.br/prosear/files/2023/06/arq20230615_Extensao_Universit-MoacirGadotti_fev2017.pdf. Acesso em 16 de jul. 2023.
- GOMES, N, L. O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- MAESTRI, M. **O Escravo No Rio Grande Do Sul.Trabalho, Resistência e Sociedade**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- NOGUERA, R. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. **Momento - Diálogos em Educação**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 127–142, 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8806>. Acesso em: 16 jul. 2023.
- SANTIAGO, A. R. Literaturas de Autoria Negra: Um Canto de Resistência à Afrodescendência. **Verbo De Minas**, Juiz de Fora, v. 21, n. 37, p. 212-230, jan./jun. 2020.
- SANTOS, D. C., ADORNO, S. M. R., SOUZA, I. M. A contribuição da literatura infantil no processo de construção da identidade étnico-racial na educação infantil. **ODEERE**, v. 6, n. 2, jul./dez., p. 38-66, 2021.